



Amanhar a Terra **Arqueologia da Agricultura**

(do Neolítico ao Período Medieval)

Coordenação:

Isabel Cristina Fernandes
Michelle Teixeira Santos
Miguel Filipe Correia

AMANHAR A TERRA. ARQUEOLOGIA DA AGRICULTURA

[Do Neolítico ao Período Medieval]

COORDENAÇÃO

Isabel Cristina Fernandes

Michelle Teixeira Santos

Miguel Filipe Correia

**MUNICÍPIO DE PALMELA
Palmela, 2023**

FICHA TÉCNICA

Título: Amanhar a Terra. Arqueologia da Agricultura [Do Neolítico ao Período Medieval]

Coordenação: Isabel Cristina Fernandes | Michelle Teixeira Santos | Miguel Filipe Correia

Edição: Município de Palmela | 2023

Largo do Município

2951-505 Palmela

+351 212 336 640 | patrimonio.cultural@cm-palmela.pt

Grafismo da capa: Jorge Ferreira

Revisão: Isabel C. F. Fernandes | Michelle Teixeira Santos | Miguel Filipe Correia

Composição e diagramação: Hugo Rios e José Luís Santos

Impressão e acabamento: ARTIPOL - Artes Tipográficas, Lda. | www.artipol.net

ISBN: 978-972-8497-89-7

Depósito Legal: 517380/23

Tiragem: 500 exemplares

Copyright ©, 2023, os autores.

Toda e qualquer reprodução de texto e imagem é interdita, sem a expressa autorização do(s) autor(es), nos termos da lei vigente, nomeadamente o DL 63/85, de 14 de Março, com as alterações subsequentes. Em powerpoints de carácter científico (e não comercial) a reprodução de imagens ou texto é permitida, respeitando a origem e autoria do texto ou imagem, expressamente indicadas na reprodução.

Todos os direitos reservados para a Língua Portuguesa por Câmara Municipal de Palmela.

SUMÁRIO

Mensagem

Álvaro Manuel Balseiro Amaro 11

Nota Introdutória

Isabel Cristina Fernandes, Michelle Teixeira Santos, Miguel Filipe Correia 13

ORGANIZAR E GERIR O TERRITÓRIO AGRÍCOLA

Porquê estudar o campesinato da Alta Idade Média no século XXI?

Novas perguntas, novas propostas

Carlos Tejerizo García 17

O Neolítico no concelho de Avis: balanço e perspectivas de investigação

Ana Cristina Ribeiro 33

Amanhar e regar a terra. As hortas e a barragem do

Convento de S. Francisco (Mértola): uma proposta interpretativa

Virgílio Lopes 41

Uma paisagem agrícola de Época Romana? Considerações

a propósito da intervenção arqueológica na Quinta das Donas (Portimão)

Carlos Oliveira, Vera Teixeira de Freitas, Susana Estrela 49

Amanhar a terra no Garb al-Andalus. Um estado da questão

Susana Gómez Martínez, Maria de Fátima Palma 57

A exploração agrícola da zona noroeste do território de Coimbra

entre os séculos X e XII: algumas considerações a partir de casos de estudo

Gil Vilarinho 75

La presa califal de La Jarilla, Córdoba. Una obra de ingeniería del siglo X

Vicente Salvatierra, Antonio Vallejo, José Luis Reyes 85

ESPAÇOS DE VIDA DAS COMUNIDADES CAMPESINAS

- As primeiras comunidades camponesas no território de Palmela. O Casal da Cerca, um povoado do Neolítico Antigo Evolucionado**
Michelle Teixeira Santos 95
- Denticulados, elementos de foice. Um sítio da Pré-História recente em Corcheiros (Figueira de Castelo Rodrigo)**
Inês Soares e Filipe Alves Pina 105
- O Sílex na Idade do Bronze Final na região de Lisboa**
Eva Leitão e Guilherme Cardoso 113
- Campos, pastos e bosques. Comunidades agro-pastoris do Bronze Final no Outeiro do Circo (Mombeja, Beja, Portugal)**
Miguel Serra, Eduardo Porfírio,
Nelson J. Almeida, Sofia Silva; Sofia Soares 121
- Da Idade do Ferro à Idade Média:
ferramentas agrícolas da região de Lisboa**
Luísa Batalha e Guilherme Cardoso 135
- Está alguém em casa? A *villa* da Horta da Torre (Fronteira) e as mudanças na economia rural durante o final do Império**
André Carneiro 145
- O *horreum* da Tapada do Ribeiro do Carvalho (Machoquinho). Um celeiro do período romano “perdido” em Castelo de Vide**
Sílvia Ricardo 159
- Arqueologia e arquitetura doméstica rural, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)**
João António Ferreira Marques 167
- Evidências de produção agrícola em Cascais na Baixa Idade Média: alguns apontamentos**
Tiago Pereira e Vanessa Filipe 183
- ## TRANSFORMAR E CONSUMIR OS PRODUTOS DA TERRA
- Cerveza Prehistórica. Estado de la cuestión**
Manuel Edo, João Luís Cardoso, Adrià Breu 193
- Consumo de plantas cultivadas e silvestres em Salreu (Estarreja, Aveiro) durante a Idade do Ferro**
João Pedro Tereso, Filipe Costa Vaz, Sara Almeida e Silva,
António Manuel S. P. Silva 213

| | |
|--|-----|
| Agricultura extensiva en el imperio romano: el caso del aceite bético | |
| José Remesal Rodríguez | 225 |
| Agricultura e paisagem em torno do povoado de Mesas do Castelinho (Almodôvar) | |
| João Pedro Tereso, Filipe Costa Vaz, Cláudia Oliveira, Carlos Fabião, Amílcar Guerra, Susana Estrela | 239 |
| Alguns animais nas hortas da cidade: a fauna junto ao Teatro de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> (Lisboa) | |
| Lídia Fernandes e Simon Davis | 257 |
| Arqueobotânica com vista para o Douro: frutos e sementes do sítio do Rei Ramiro (Vila Nova de Gaia, Norte de Portugal) | |
| Luís Seabra, José Carvalho, Rui Ramos, María Martín-Seijo, Rubim Almeida, João Pedro Tereso | 267 |
| Carpological remains recovered in three Medieval Islamic storage pits at Largo dos Lóios (Lisbon, Portugal) | |
| Ana Fundurulic, Vanessa Filipe, José Pedro Henriques, Ana Manhita, Alessandra Celant, Cristina Barrocas Dias, Donatella Magri | 283 |
| REPRESENTAÇÕES E SIMBOLISMO | |
| Os primeiros agricultores e pastores nas faldas da Serra de S. Mamede – Alentejo – Portugal | |
| Jorge de Oliveira | 295 |
| Artefactos de fibrolite e de outras rochas congéneres, ou similares, da Beira Interior: contributos para o seu conhecimento | |
| Raquel Vilaça, Marcos Osório, Lídia Catarino | 309 |
| As “enxós” votivas de calcário, um objecto ideotécnico característico do Calcolítico da Estremadura: a propósito da recolha de um exemplar em Póvoa de Santa Iria (Vila Franca de Xira) | |
| João Luís Cardoso, João Carlos Caninas, Francisco Henriques | 323 |
| Ecos agrícolas em monumentos epigráficos romanos | |
| José d’Encarnação | 329 |

As “enxós” votivas de calcário, um objecto ideotécnico característico do Calcolítico da Estremadura: a propósito da recolha de um exemplar em Póvoa de Santa Iria (Vila Franca de Xira)

João Luís Cardoso*, João Carlos
Caninas**, Francisco Henriques***

Resumo

Estuda-se um exemplar incompleto de sacho/enxó votivo de calcário, o nono que se regista em contextos calcolíticos peninsulares, todos eles correspondentes a usos funerários da Estremadura portuguesa, evidenciando marcado regionalismo, e sublinha-se a sua relação com a ritualização das práticas agrárias, no contexto das sociedades camponesas do 3.º milénio a.C. do ocidente peninsular.

Palavras-chave: Sacho/enxó votivo, Rituais, Calcolítico, Estremadura portuguesa

Abstract

An incomplete of limestone weeding or votive adze is studied, the ninth to be recorded in peninsular Chalcolithic contexts, all of which funerary monuments in Portuguese Extremadura, evidencing a marked regionalism, and is stressed its relationship with the ritualization of agrarian practices in the context of peasant societies of the 3rd millennium BC of the western peninsula.

Keywords: Votive weeding/adze, Rituals, Chalcolithic, Portuguese Extremadura

* Universidade Aberta (Lisboa); Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras); ICArEHB (Universidade do Algarve) | cardoso18@netvisao.pt

** CHAIA - Universidade de Évora.

*** EMERITA Empresa Portuguesa de Arqueologia.

1. LOCALIZAÇÃO E CONDIÇÕES DO ACHADO

No decurso de uma prospecção arqueológica realizada por EMERITA - Empresa Portuguesa de Arqueologia, no âmbito do estudo de impacto ambiental do Ramal de Gás de Vialonga, em dezembro de 1997, no concelho de Vila Franca de Xira foram recuperados, em caminho pedregoso com depósito de terras (Fig. 1), dois fragmentos de natureza ideotécnica, de calcário branco subcristalino, muito fino, pertencentes inquestionavelmente a pelo menos uma enxó votiva de calcário. A localização da recolha assinala-se na Fig. 2, correspondendo às seguintes coordenadas:

Latitude: 38°52'17"N

Longitude: 9° 3'57"W

Altitude: 60 m



Fig. 1 - Aspecto do local da recolha.
(Foto JCC/FH).

Apesar de o contexto primário não ser conhecido, esta ocorrência detém assinalável interesse, juntando-se ao circunscrito grupo deste tipo de artefactos ideotécnicos, limitado geograficamente à Baixa Estremadura. Trata-se de exemplares de cunho votivo, de idade calcolítica, recolhidos exclusivamente em contextos de natureza funerária, desde as

grutas naturais aos dólmenes, passando pelas sepulturas de falsa cúpula.

Na área envolvente, conhecem-se, de facto, diversas estações arqueológicas coevas, assinaladas na Fig. 2.



Fig. 2 - Localização cartográfica do achado, com a indicação das estações pré-históricas mais próximas de época comparável. Infografia de Bernardo Ferreira (CEACO/CMO).

2. DESCRIÇÃO

Na Fig. 3 apresenta-se o desenho e a fotografia dos dois fragmentos recolhidos, provavelmente pertencentes a um único exemplar de enxó votiva. Tal possibilidade é suportada pelo facto de jazerem a pouca distância um do outro, serem compatíveis com um único artefacto e, para além de serem executados no mesmo tipo de calcário compacto e duro, branco e subcristalino, oriundo das bancadas do Cretácico Superior (Cenomaniano Superior), muito bem representadas na região de Lisboa (Formação da Bica), possuírem a mesma patina superficial.

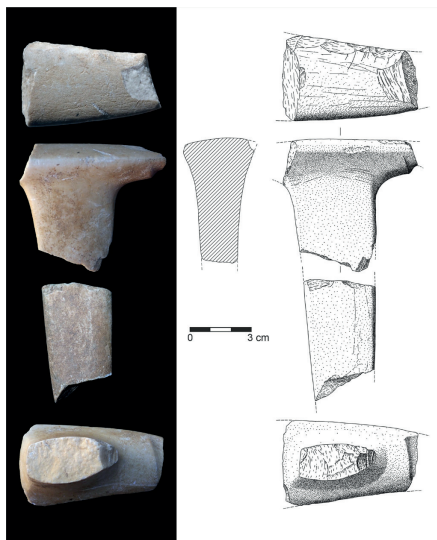


Fig. 3 – Desenho e fotografia dos dois fragmentos de sacho/enxó recolhidos, provavelmente pertencentes a um único exemplar (Fotos e desenhos de Bernardo Ferreira - CEACO/CMO).

Os dois fragmentos agora estudados exibem fracturas mais ou menos antigas, explicadas pelo seu historial, visto terem sido recolhidos em caminho pedregoso, de mistura com entulhos terrosos. Assim, o exemplar de maiores dimensões exhibe duas fracturas mais antigas, denunciadas pela patina amarelada da superfície de fractura, uma correspondente ao cabo da peça original, outra situada na junção deste com o prolongamento da peça para um dos lados (o lado do gume), e uma fractura mais recente, sem patina, que atingiu a extremidade proximal do exemplar. Ao longo de um dos bordos laterais da parte superior do exemplar, observam-se abundantes esquirolas, correspondentes ao massacramento mecânico daquele bordo, muito provavelmente em resultado de jazer semi-enterrado durante algum tempo no caminho, onde foi recolhido.

Trata-se de um exemplar liso; o fragmento de maiores dimensões integra a porção de um cabo robusto, de secção elipsoi-

dal, que se desenvolve de forma elegante pela parte superior da peça, que é plana, encontrando-se esta mutilada em ambas as extremidades, e possuindo marcada assimetria. Assim, a extremidade proximal, de bordos convergentes, possui, na face ventral, a indicação da base de madeira em que se encontrava apoiada a enxó funcional, marcada por ressalto, à semelhança do verificado em diversos exemplares conhecidos.

A relação do cabo de madeira com a lâmina de pedra polida, sobre o qual se apoiava, encontra-se sublinhada em diversos exemplares votivos por linhas incisadas paralelas transversais, sugerindo as cordas ou tiras de couro que fixavam os dois elementos, como é o caso do exemplar recolhido na gruta artificial n.º 1 do Casal do Pardo (Palmela) (Fig. 4).

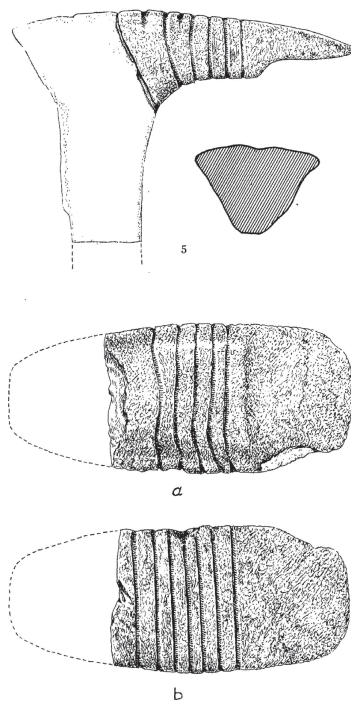


Fig. 4 – Desenho do sacho/ enxó votivo da Gruta 1 do Casal do Pardo, Palmela (seg. Leisner, 1965, Tf. 94, 5).

As “enxós” votivas de calcário, um objecto ideotécnico característico do Calcolítico da Estremadura: a propósito da recolha de um exemplar em Póvoa de Santa Iria (Vila Franca de Xira)

Com efeito, a existência do referido ressalto, visível na Fig. 3, por comparação com todos os exemplares conhecidos que o possuem, indicaria o lado do gume, ou parte útil da enxó, permitindo assim orientar o fragmento conservado no tocante à posição da sua extremidade útil. No entanto esta conclusão, no tocante ao presente exemplar, é contrariada pela própria morfologia da parte conservada da peça. Com efeito, o gume, em todos os exemplares conhecidos, corresponde à extremidade mais larga, compatível com a utilização pretendida. Ao contrário, no presente fragmento, o lado correspondente ao referido ressalto exhibe extremidade apontada, indicando claramente o remate proximal do exemplar, ou seja, a extremidade oposta ao gume.

Como se observa na generalidade dos exemplares completos, esta extremidade apresenta-se sempre muito menos desenvolvida que a extremidade correspondente ao gume, sendo muito mais curta e robusta. Sob este aspecto, é com o exemplar do depósito votivo de Samarra (Sintra) (Fig. 5) (França e Ferreira, 1958: fig. 5, n.º 1), que o exemplar em apreço mais se aproxima.



Fig. 5 - Sacho/enxó votivo do depósito de Samarra, Sintra (Fotos de JLC).

Deste modo, o fragmento em estudo exhibe uma particularidade única, que importa destacar, correspondente à existência de um ressalto no cabo do lado oposto ao gume, para melhor assentamento da lâmina no original, sendo assim muito provável que ressalto análogo, e até mais desenvolvido, existisse do lado do gume da peça em apreço, entretanto desaparecido, proporcionando uma mais robusta fixação entre os dois elementos funcionais: o cabo e a lâmina polida.

O segundo fragmento recolhido é compatível com porção do cabo do mesmo exemplar votivo. A ser assim, tratar-se-ia de uma peça com um cabo especialmente robusto e desenvolvido, embora neste caso exista também comparação com o exemplar recolhido numa das grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Amadora) (Heleno, 1933: fig. 9) (Fig. 6).

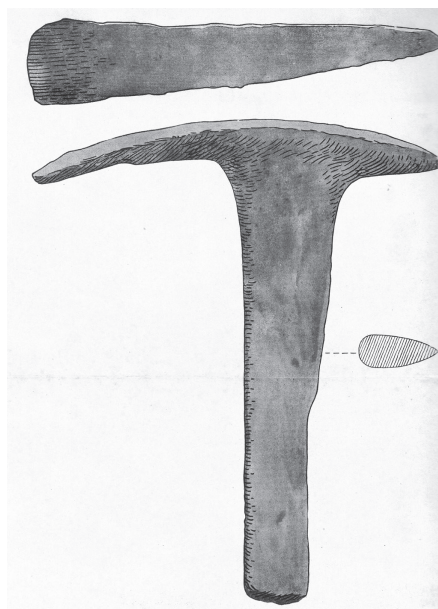


Fig. 6 - Sacho/enxó votivo de hipogeu de Tojal de Vila Chã, Amadora (Heleno, 1933, Fig. 9. Altura máxima de 194 mm).

3. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

A ocorrência de objectos de calcário de natureza votiva tem expressão, entre outros, no conjunto de peças, reproduzindo a enxó ou o sacho de mão, tal é a fidelidade com que se representam os pormenores das peças funcionais respectivas.

Trata-se da reprodução da enxó constituída por um cabo de madeira, em cotovelo, sobre o qual assenta, em posição horizontal, a lâmina em pedra polida que correspondia à parte activa do instrumento funcional. Sendo a enxó um objecto de cabo curto, destinado essencialmente ao trabalho da madeira, ficaria afastada, à primeira vista, a hipótese de corresponder a um sacho, destinado à cava da terra, necessariamente com um cabo longo. De qualquer modo, esta hipótese não pode excluir-se, atendendo a que, por um lado, não seria possível a reprodução de um objecto de calcário com tais características, e, por outro, à efectiva existência de sachos de cabo curto, pelo que a designação fixada pelo uso, de “enxó votiva” não exclui a representação simbólica de um sacho, muito mais expressiva e plausível no quadro cognitivo das primeiras sociedades camponesas.

Com efeito, tal como o machado, cuja relação simbólica com a agricultura se entrevê através da sua utilização na desflorestação e preparação dos campos agrícolas, também o sacho, mais do que a enxó, deteria um marcado simbolismo, associado directamente à preparação dos terrenos agrícolas assim conseguidos.

No que respeita à representação simbólica de machados, a mesma apresenta-se e em diversos tipos de suportes, desde as insculpturas nos monumentos megalíticos, até à execução de artefactos sem fins utilitários, como é o caso dos exemplares executados em rochas verdes de origem alpina, que se dispersaram à es-

cala europeia, atingindo alguns destes exemplares o território português, sendo depois copiados em rochas disponíveis localmente, como é o caso do exemplar recolhido na lagoa de Óbidos (Andrade e Van Kalker, 2019) (Fig. 7).

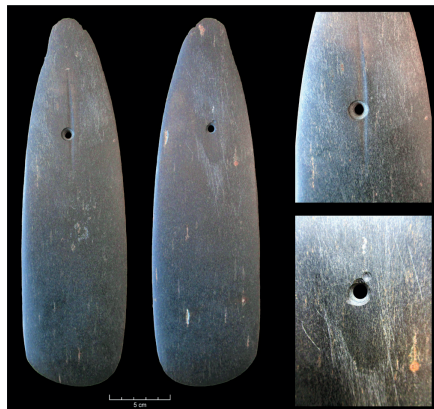


Fig. 7 - Machado de anfibólito de produção peninsular de talão perfurado do tipo Cangas, recolhido no fundo da Lagoa de Óbidos (Fotos de JLC).

As reproduções votivas dos sachos ou enxós, como é o caso do exemplar em estudo, conheceram uma realidade comparável, também ela rica e diversificada.

Por um lado, desde o Neolítico Antigo que se conhecem pequenos exemplares de natureza ritual, executados em fibrolite (silimanite fibrosa) (Vilaça *et al.*, 2022) cuja execução persistiu até ao Calcolítico (Cardoso, 2022), ao mesmo tempo que se executaram exemplares ainda de menores dimensões, utilizados como pendentes, eventualmente com carácter apotropaico, como é o caso da enxó miniatural recolhida em contexto do Neolítico Final do povoado do Carrascal, Oeiras (Cardoso, 2011) (Fig. 8).



Fig. 8 – Enxó miniatural perfurada, utilizada como elemento apotropaico e de adorno, do povoado do Neolítico Final de Carrascal, Oeiras (Foto de JLC).

Por outro lado, há que sublinhar a emergência, no Calcolítico, das produções de objectos ideotécnicos de calcário, onde o presente exemplar se inscreve. Na verdade, a ocorrência de sachos ou enxós votivas de calcário circunscribe-se exclusivamente à Estremadura portuguesa, sendo conhecidos até ao presente nove exemplares, oriundos de contextos exclusivamente funerários, o que não é de estranhar, sendo produções de carácter votivo, destinadas a acompanhar os entes falecidos. Ao conjunto assim constituído, poderá acrescer mais um exemplar, de origem incerta e muito erodido, que não foi possível observar no âmbito do presente estudo, conservado no Museu da Figueira da Foz (França e Ferreira, 1958).

Sob este aspecto, trata-se de uma produção de cunho marcadamente regional, com paralelos em outras produções votivas de calcário da mesma região, como as lúnulas, o que faz do território entre a foz do Sado e o Cabo Carvoeiro, uma região sem paralelo, no contexto peninsular, no respeitante à diversidade e à riqueza do registo de objectos votivos de calcário no decurso do Calcolítico.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Marco António e CALKER, Daniel van (2019) – «Um machado votivo de talão perfurado proveniente da gruta da Lapa da Galinha (Vila Moreira, Alcanena, Portugal)». *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, 22, p. 5-30.
- CARDOSO, João Luís (2011) – *Arqueologia do concelho de Oeiras do Paleolítico Inferior ao século XVIII*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, João Luís (2022) – «Matérias-primas não-metálicas de origem geológica na Pré-História do Ocidente Peninsular: contributo para o conhecimento da sua exploração, circulação e utilização». Comunicação apresentada à Classe de Ciências no dia 4 de abril de 2019, *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Ciências*, Lisboa, 48, p. 39-77.
- FRANÇA, J. Camarate e FERREIRA, Octávio da Veiga (1958) – «Estação pré-histórica da Samarra (Sintra)», *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 39, p. 61-86.
- HELENO, Manuel (1933) – *Grutas artificiais do Tegal de Vila Chã (Carenque)*. Lisboa: Tipografia da Empresa do Anuário Comercial.
- LEISNER, Vera (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*, 2 vols. Berlin: Walter de Gruyter & Co.
- VILAÇA, Raquel; CATARINO, Lídia e OSÓRIO, Marcos (2022) – «Objectos miniaturizados de fibrolite da Beira Interior (Portugal). Caracterização, contextos e simbolismo numa perspectiva discrónica», *Onoba*, 10, p. 61-73.

Município
Palmela
conquista



MUSEU
MUNICIPAL
PALMELA



9 789728 497897 >